

Universidade do Estado do Amazonas
Centro de Estudos Superiores de Parintins
Curso de Licenciatura em História

**TOADA (LETRA E MÚSICA) E HISTÓRIA:
a canção como ferramenta de recuperação e manutenção da memória dos bois-bum-
bás de Parintins¹**

Lucas Batista Gaspar²
Diego Omar da Silveira³

Resumo: O trabalho a seguir é fruto das análises das toadas, oficiais ou não, produzidas nos bois de Parintins, Caprichoso e Garantido. Visa identificar momentos, lugares e principalmente brincantes que ajudaram a construir a histórias dos bumbás e que estão registrados nas toadas. O presente trabalho se utilizou de pesquisas bibliográficas como Cardoso (2013), Cavalcanti (2000), Rodrigues (2006), Silveira e Sena (2021), Valentin e Cunha (1998; 1999 e 2005) que tratam sobre o assunto relacionado ao folguedo do boi-bumbá, e Napolitano (2005), que aborda sobre o processo de construção da música brasileira, no âmbito popular. Além de entrevista com as pessoas mais velhas que conviveram, e os mais recentes que não tiveram essa experiência, com esses primeiros brincantes. Nesse sentido, se procurou analisar a toada como produto histórico, cultural, social e, principalmente, como ferramenta de recuperação e manutenção das memórias dos bois de Parintins.

Palavras-chave: Festival; Boi-Bumbá; Toada; Caprichoso; Garantido; Memória; Recuperação; Manutenção.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins (Cesp – UEA) como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em História.

² Acadêmico do curso de licenciatura em História do Centro de estudos Superiores de Parintins (CESP), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: lbg.his19@uea.edu.br

³ Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas, Brasil(2024) Professor Colaborador da Universidade de Passo Fundo , Brasil

Introdução

O presente trabalho busca apresentar primeiramente, e de maneira resumida, a brincadeira do boi-bumbá presente em todo o Brasil, com suas singularidades, até desembarcar em Parintins, e se desenvolver com o decorrer do tempo, passando pelas brincadeiras nas ruas, terreiros e quintais, e sua evolução até chegar à grandiosidade como hoje conhecemos, através do Festival Folclórico de Parintins⁴. É importante ressaltar que esta primeira parte é essencial, para que se possa conhecer e entender mais sobre o que é o Festival de Parintins e tudo que está ligado a esse evento grandioso: as cores vermelho e azul, as galeras, a rivalidade, as danças... e as toadas, sendo esta última, o objeto de estudo deste trabalho.

Com dimensões continentais, o Brasil se apresenta imponente com seus 8.514.876 km² (oito milhões quinhentos e quatorze mil oitocentos e setenta e seis quilômetros quadrados), e tão rico quanto em extensões territoriais é, também, em sua cultura, presente na culinária, na dança, na música, e nas diversas artes. Em cada canto desse imenso e rico território há manifestações culturais, revestida com as características do lugar e de seus habitantes. Assim, se insere nesse universo cultural o Festival Folclórico de Parintins, festa protagonizada pelos bois-bumbás Caprichoso e Garantido, durante o último fim de semana do mês de junho, no coração da Amazônia. Apesar de apresentar um verdadeiro espetáculo a céu aberto, a brincadeira do boi-bumbá não é exclusiva de Parintins e surge em tempos remotos. Em outras regiões do país, ela se manifesta de diferentes nomes e formas. Mas em Parintins, ganha um novo rosto, pois sendo a cultura algo dinâmico, assim o é o Festival, onde a brincadeira dos bois-bumbás de Parintins acompanha as transformações, se moldando, se adequando as exigências de seu tempo. Traz consigo a novidade, mas sem deixar de lado a tradição. Assim, nessa união, o festival vai se aprimorando, ganhando mais vida a cada ano e, conseqüentemente, mais público. E como os elementos que compõe essa festa grandiosa que também sofreram alterações está a toada, que não poderia ser deixada de lado e permanecer em estilos que não pudessem atender as necessidades atuais, sendo este item o fio condutor do espetáculo. É através das toadas que a magia acontece, e que o espetáculo no coração da imensa floresta amazônica ganha vida. Percebe-se então as múltiplas funções das toadas dos Bois de Parintins que, a partir das transformações, cantam não apenas o amor pelo boi, a natureza (com toques de romantização), o

⁴ Estreado em 1965, a festa se iniciava no dia 12 de junho e se estendia até o final do mês. Raimundo Muniz, Xisto Pereira e Lucinor de Souza Barros foram os protagonistas desta festa. Ver em RODRIGUES, Allan Soljenírsin Barreto. **BOI-BUMBÁ: EVOLUÇÃO** – Livro Reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins. Manaus: Editora Valer, 2006. (p. 83)

encanto da morena bela... mas trazem nas letras mensagens (ou reflexões) mais profundas, como os protestos dos ribeirinhos por uma vida com dignidade; a luta dos povos originários; alerta sobre a crise climática, entre outros. Nas toadas são depositadas mais que letras e músicas: nelas estão sentimentos de alegrias; saudades; histórias de lutas e superações; lembranças de tempos remotos e pessoas que se dedicaram e ajudaram a construir a história de Caprichoso e Garantido.

Entre inúmeras toadas já produzidas no decorrer das décadas, temos aquelas dedicadas aos homens e mulheres que, no decorrer desse tempo, ajudaram a construir a história dos bois, dando-lhes essa riqueza cultural que tem sua culminância na arena, apresentadas ao público durante o Festival Folclórico de Parintins. Dessa maneira, este trabalho busca apresentar mais uma função (entre tantas) que as toadas dos bois-bumbás podem oferecer: o resgate e/ou manutenção da memória sobre as pessoas que ajudaram a construir a história dos bois de Parintins. Isto posto, o trabalho foi motivado a partir de dois pontos, quais sejam: o primeiro é pela apreciação, em particular, desse gênero musical brasileiro, da mais cadenciada à mais acelerada; das antológicas às mais atuais, que trazem consigo diversos sentimentos e muitas lembranças. O segundo, foi pela reflexão e percepção de que entre as inúmeras toadas já produzidas, estejam, ou não, elas nos álbuns musicais dos bois, trazem uma diversidade de informações dos aspectos socioculturais, geográficos que foram se transformando com o decorrer do tempo. E, não obstante, sobre as pessoas que ajudaram a construir a histórias dos bois-bumbás. Duas toadas foram essenciais nesta pesquisa, as quais me motivaram a realizar o mapeamento de outras que se encaixam neste trabalho, que são: “Os Pescadores” (Herois do Rio) – (Caprichoso, 1991), dos compositores Chico da Silva e Marcos Santos; e “Cabocada da Baixa” – (Garantido, 2007), dos compositores Israel Paulain e Otávio Guedes.

A partir desta pesquisa se buscou como objetivo geral: “Apresentar as toadas como ferramenta de recuperação e manutenção das memórias dos bois-bumbás de Parintins, e sua contribuição na propagação dessas histórias”. E tendo como objetivos específicos: 1) mapear e identificar as toadas marcantes na história de Caprichoso e Garantido, em particular as que exaltam os nomes dos contribuintes na construção da história dos bois-bumbás de Parintins; 2) analisar as toadas mapeadas destacando sua relevância na recuperação e manutenção da memória dos bois-bumbás de Parintins, apresentando os brincantes identificados nas toadas, fazendo uma análise entre a vida de “personagem” e o seu dia-a-dia; e 3) Relacionar a memória acerca dos registros feitos nas toadas com a época em que as mesmas foram produzidas e como se relacionam com os dias atuais.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram realizadas pesquisas bibliográficas em livros como “O Livro da Toada: uma antologia Caprichoso” (2021), artigos como “Cancioneiros das toadas do boi-bumbá de Parintins” (2013) – os quais apresentam os materiais que serviram de base para esta pesquisa: as toadas –, sites e outras referências constantes ao final deste artigo. Com isso foram identificadas um número significativo de toadas, entre as quais foram selecionadas algumas que constam neste trabalho. Além de entrevistas realizadas com brincantes velhos e novos, os quais foram escolhidos a partir de sua familiaridade com os bois-bumbás e pela experiência e memória adquirida no decorrer dos anos.

Como todo trabalho de pesquisa, algumas dificuldades foram encontradas, sendo uma delas o contato com algumas pessoas que atuam internamente nas associações dos bumbás, com os quais não tive a oportunidade de realizar entrevista e conversar sobre a temática desenvolvida nesta pesquisa, o que acredito que somaria e enriqueceria ainda mais este trabalho. Outra dificuldade encontrada está relacionada em desenvolver este trabalho como algo inédito e, mais ainda, que pudesse apresentar uma relevância social. Visto que o assunto *toada* vem sendo debatido em outros trabalhos, foi necessário pesquisar e refletir sobre uma nova abordagem dentro deste tema. Foi então que a partir de leituras, uma boa audição das toadas e uma simples pergunta “quem são essas pessoas que as toadas estão falando?”, que surge a ideia e motivação em pesquisar e apresentar esses homens e mulheres que ajudaram a construir a história dos Bois-Bumbás de Parintins, Garantido e Caprichoso.

Desse modo, é esperado que, com esse trabalho, se possa conhecer as toadas não apenas como um produto a mais da indústria cultural, ou uma simples ferramenta de entretenimento, mas como uma fonte de informações sobre parte da história dos bois-bumbás, que nelas são cantadas. A partir das leituras que se seguirão, encontrarão informações que foram concedidas através de entrevistas, tendo como base as toadas e sua relação com o período em que foram produzidas. Em cada toada mencionada, o leitor encontrará informações que o ajudarão compreender melhor o seu conteúdo que está sendo cantado e, mais ainda, passará a conhecer homens e mulheres que, antes, deixamos de perceber sua presença nas inúmeras canções.

Conhecendo a festa dos bois-bumbás de Parintins

A festa de Boi-Bumbá é uma manifestação da cultura popular que não se faz presente apenas em Parintins, apesar de sua característica própria. A brincadeira do boi tem seus primeiros registros na data de 1840, vinda do Recife, através do artigo *A estultice do Bumba-Meu-Boi*, do frei beneditino Miguel do Sacramento Lopes Gama (Cavalcanti, 2000, p. 1021), que descreve a brincadeira como causadora de desordem, que desrespeitava as regras, os valores em

vigor em sua época. Encontra-se uma outra referência a respeito da brincadeira datada de 1852, em Manaus, pelo médico-viajante Avé-Lallémante que a descreve como “um cortejo pagão, introduzido no seio de festa católica, em homenagem a São Pedro e São Paulo” (Idem). E durante esse intervalo de tempo de registros sobre a festa, é encontrado “registros do Bumbá em jornais de Belém e de Óbidos, datados de 1850”. A partir desses registros, se percebe então o longo período que esta festa do Boi-Bumbá vem acontecendo nas entranhas da Amazônia.

Difundido pela Amazônia e presente em outras regiões do Brasil, a brincadeira ganha nomes e formas de acordo com cada região que está inserida. Assim temos: “boi-bumbá, no Amazonas e no Pará; bumba-meu-boi, no Maranhão; boi surubim, no Ceará; boi calemba, no Rio Grande do Norte; cavalo-marinho, na Paraíba; bumba de reis ou reis de boi, no Espírito Santo; boi pintadinho, no Rio de Janeiro; boi de mamão, em Santa Catarina” (Cavalcanti, 2000, p. 1022; Valentin, 2005, p. 91).

Em Parintins a brincadeira do boi-bumbá ganha dimensões com maiores proporções com o Festival Folclórico de Parintins, sendo a maior expressão da cultura popular local, que envolve nessa festa não somente a população parintinense, mas todos aqueles que conhecem, admiram e se encantam por essa festa, que acontece no último fim de semana do mês de junho, no coração da Amazônia. É importante lembrar que “até a década de 60 do século passado, os Bois não se apresentavam. Eles eram convidados a dançar e brincar nos quintais das casas, iluminados pelas porongas e pelas fogueiras” (Valentin, 2005, p. 17). Com o crescimento da brincadeira, que foi ganhando cada vez mais o público e atraindo outros olhares, a festa foi se moldando as exigências de cada época. Assim

‘o auto do boi’, encenado por não mais de vinte pessoas pelas ruas da Ilha no início do século passado, composto por um boi alegórico, vaqueiros, amo, Pai Francisco e Mãe Catirina, Pajé, Doutor Curador e Sinhazinha da Fazenda, foi sendo modificado no decorrer do tempo até chegar em seu estágio atual, [...] com aparatos ribeirinhos de tecnológico considerável de luzes e sonorização. (Rodrigues, 2006, p. 117)

Atualmente o Festival Folclórico de Parintins alcança proporções com visibilidade internacional, no qual pessoas de quase todo o mundo vêm à Parintins para prestigiar essa festa que encanta os olhos e ouvidos. De acordo com o portal Acrítica.com, o último festival realizado nos dias 24, 25 de 26 de junho de 2022, contou “com a presença de 111.498 turistas que chegaram pelas vias aéreas e fluviais à Ilha Tupinambarana”. De acordo com o mesmo portal, em 2019, último festival realizado antes da pandemia, “o 54º Festival Folclórico de Parintins bateu o recorde no número de visitantes, com o desembarque de 66.321 turistas” em comparação com 2018, com 60 mil. E segundo o portal *Em Tempo*, neste último festival, realizado nos

dias 30 de junho, 1 e 2 de julho de 2023 o evento “atraiu 110 mil pessoas para a ilha Tupinambana”. As transformações ocorridas no Festival de Parintins, permitiram que alcançasse tamanha dimensão, algo que poderia ser impensável nos primórdios da brincadeira do boi-bumbá em Parintins.

Como fora dito anteriormente, a grandiosidade do Festival de Parintins, se deu a partir das mudanças e estilos nas apresentações, da abertura para outros tipos de manifestações populares se tornando assim, o festival, “uma espécie de catalizador de todos os tipos de manifestações folclóricas definidas por Nilza B. Megale: sabedoria popular, artes folclóricas, manifestações de religiosidade, ofícios e técnicas, alimentação, trajes, direção de lar e vida social” (Rodrigues, 2006, p. 24). Isso mostra o quanto o Festival Folclórico de Parintins, como cultura popular, é dinâmico, tal como a própria cultura o é. Sendo assim, está suscetível a transformações, a começar pelos elementos que compõe sua estrutura. E assim como os demais elementos, a toada não está descartada das inúmeras possibilidades de transformações, de mudanças, de adaptações no decorrer do tempo. As toadas são os fios condutores dessa grandiosa festa, pois é através dela que as apresentações são narradas e o espetáculo acontece.

Para entender a toada

Atualmente as toadas apresentam uma estrutura de letras e melodias mais complexas, tal como os tempos atuais exige que sejam. Mas, apesar de tal complexidade, essa estrutura passou por constantes mudanças, se adaptando ao seu tempo. E em cada momento da história da brincadeira dos bois-bumbás de Parintins, elas podem receber diferentes definições. Dessa maneira, o que definiu uma toada no século passado, hoje já não se enquadra na estrutura que apresentam, devido as suas constantes transformações. E para entender a toada, precisamos retornar aos seus conceitos iniciais, compreendendo até que pontos tais definições se enquadraram, e se atualmente ainda definem as toadas como hoje conhecemos.

Luiz da Câmara Cascudo (2001) define toada “como uma cantiga ou canção breve, em geral de estrofe e refrão, em quadras, cujos temas principais são líricos (sentimentais) ou brejeiros (jocosos)” (apud Rodrigues, 2006, p. 197) e para Ferreira (1999) toada “é qualquer cantiga de melodia simples e monótona, de texto curto, sentimental ou brejeiro, de estrofe e refrão. É entoação, é tom. É a parte musical do canto das estrofes tradicionais da cantoria. É cantiga, é solfa” (apud Celeste, 2013, p. 23). A definição de toadas apresentada por esses autores, se encaixa com as toadas que eram cantadas nos primórdios da brincadeira do boi-bumbá, no qual se fazem presentes a imagem romantizada do caboclo e da natureza onde vive, da morena bela

e dos desafios ao boi contrário. No entanto, tal definição não se encaixa e não define as toadas atuais, as quais, assim como outros elementos

também sofreram alterações ao longo dos anos, ganhando novas temáticas (indígena e ecológica) e estrutura melódica mais complexas, com letras mais longas e a introdução de instrumentos de corda (violões, contrabaixos, charangos e até guitarras), metais (trompetes) e sintetizantes (teclados), que se juntaram aos tradicionais tambores, surdos palminhas e repiques, tocados pela Batucada do Boi Garantido, e pela Marujada do Boi Caprichoso. (Rodrigues, 2006, p. 198).

Assim, a toada vai se transformando, ganhando nova roupagem e conquistando espaço na mídia, divulgando o Festival de Parintins. Essa conquista de mais espaços na mídia, e na indústria cultural se dá justamente pela mudança em sua estrutura pois conforme as “descrições de Megale (2001, p. 80) as mudanças ocorridas nas toadas as fizeram deixar de ser músicas folclóricas para se tornarem músicas populares” (apud Rodrigues, 2006, p. 198)

O primeiro registro que marca o início dessa transição no estilo de se fazer toadas, segundo Rodrigues (2006, p. 198), data de 1974 a partir do encontro de dois grandes nomes consagrados nos Bois de Parintins, Fred Góes e Chico da Silva (na época conhecido com Chico Samba), em São Paulo, quando foram “ganhar a vida” na cidade grande. Fred Góes foi com o sonho de se tornar médico, mas acabou se tornando Jornalista, e Chico da Silva que foi em busca de poder crescer profissionalmente no ramo musical.

Outro personagem que entra nesse processo de transição é “Venâncio Cavalcante de Albuquerque, um compositor pernambucano que lançou nomes como Jorge Bem, Jair Rodrigues e outros, foi nomeado diretor musical de uma gravadora” (Rodrigues 2006, p. 200). Ele seria como um padrinho musical de Chico da Silva e o lançaria como músico. A ideia era de gravar um disco compacto com duas músicas; uma de carimbó e a outra um samba, mas ouvindo sobre os bois de Parintins, através de Fred e Chico, lançou a ideia de gravarem uma toada no lugar do carimbó, por ser a toada, um produto cultural da terra de Chico e Fred.

Fred e Chico selecionaram as toadas, mas sendo que poderia ser apenas uma, ficaram na dúvida sobre qual escolheriam. Então, após conversas e sugestões, os dois escolheram três toadas para que Venâncio escolhesse qual seria gravada. E a escolhida por Venâncio foi a toada “Chegou o Boi Garantido todo bonito cercado de lanças”, no qual se tem divergências sobre a autoria, se é de mestre Ambrósio ou Vavazinho. A toada foi escolhida por seu balanço mais atrativo e adequado para a indústria fonográfica. De certo, “a seleção do repertório daquele compacto deu início a um processo de transformação das toadas com o objetivo de dar a elas uma apresentação mais atrativa ao público, ou seja, as composições foram sendo adequadas à lógica do mercado fonográfico” (Rodrigues, 2006, p. 203). Além do estilo, da “pegada” mais embalada da toada, outro ponto utilizado como exemplo dessa transição é a própria estrutura

da toada. Uma vez que esta toada era curta, foi necessário que Chico e Fred ampliassem a mesma. Com isso, a toada passa a ficar dessa maneira:

Toada Original:	Parte acrescentada por Chico da Silva e Fred Góes:
Chegou o boi Garantido	Garantido boi de raça
Todo bonito cercado de lanças	Mais bonito do país
A orelha dele balança é verdade	Vem dançar na tua praça pra fazer você feliz
Boi Garantido tem muita coragem	Depois volta pra manada
É um garrote decente	E ninguém vai empatar
Meu boi vale um tesouro	Não existe neste mundo
Morena tu queres te dou de presente	Vaqueiro pra lhe pegar (Rodrigues, 2006, p. 204)

Com o sucesso da toada, gravada em um disco compacto, que chega a Parintins pelas mãos de Paulinho Faria⁵, e reproduzido pelo mesmo em seu programa na Rádio Alvorada, o festival começa a ganhar novos ares e entra em uma nova era. A gravação do compacto, levou também o Caprichoso a gravar suas toadas, para que estas fossem divulgadas. Uma vez que nenhum queria ficar para trás, podemos dizer que começa uma corrida da toada, onde os bois procuram, de alguma forma, deixar registrado suas obras musicais. A começar pelas fitas K7 até chegar as plataformas digitais, hoje os bois apresentam um vasto repertório de toadas. É difícil contabilizar o quantitativo de toadas produzidas pelos bumbás, uma vez que, além das toadas oficiais, presentes nos álbuns, existem aquelas que apesar de não entrarem nos álbuns, são cantadas nos eventos e fazem parte da história dos brincantes de Caprichoso e Garantido.

Com a inauguração do Bumbódromo, em 1988, é exigido uma reestruturação na apresentação dos Bumbás, e conseqüentemente em suas toadas. A inserção de temáticas nas apresentações, exige mudanças, o que é entendido e realizado primeiramente pelo Boi Caprichoso, mas no lado do Garantido ainda haveriam resistências sobre esse novo estilo de apresentar a festa. Dessa forma, a toada vai ganhando mais estrutura, se tornando cada vez mais completa.

Outro rompimento, que leva a toada a novos patamares, surge com a profissionalização dos músicos, cantores e compositores de toadas. Tal mudança se deve a Chico da Silva, quando percebe que as agremiações estavam ganhando bastante dinheiro com a venda de fitas cassetes com as toadas. Enquanto eles faziam um trabalho voluntário, os bois lucravam com seus produtos, ou seja, com suas toadas. Exigir remuneração pelo trabalho foi aderido pelos demais artistas que faziam shows cantando as toadas dos Bois-Bumbás. Assim, surgem nomes como

⁵ Foi o primeiro apresentador do Boi Garantido, de 1975 até 2001. Ver mais em VALENTIN, Andréas; CUNHA, Paulo José. Vermelho: um pessoal Garantido. Manaus: A. Valentin, 1998. (p. 159)

Arlindo Junior (o Pop da Selva), David Assayag (o Rei David), Tony Medeiros e bandas como Regional Vermelho e Branco, Canto da Mata, Carrapicho e outros. Sendo a banda Carrapicho, a responsável pela disseminação da toada em nível internacional, fazendo sucesso com a toada “Tic, Tic, Tac”, de Braulino Lima.

Dessa maneira, as toadas dos Bois-Bumbás de Parintins foram se transformando, criando sua própria identidade, e se diferenciando das demais toadas que são cantadas em outras festas de bois-bumbás pelo Amazonas.

Com o decorrer dos anos, as toadas vão se aperfeiçoando e ganhando significados e funções que vão além da arena. Saem de um modelo em que a romantização se faz muito presente e se apresentam com reflexões críticas em suas estruturas poéticas. Em vez de apenas cantar que a Natureza é bela, é necessário, agora, denunciar as ações nocivas a elas e aos seus habitantes. Desse modo, as toadas são mais enriquecidas pois, além da poesia, agora também se constroem em bases históricas, críticas, e sem se afastar de seu momento do seu cotidiano. É importante salientar que não está sendo depositado uma crítica às primeiras toadas que foram produzidas, e que foram e são usadas nas brincadeiras dos bois, mas apresentar sua estrutura que se diferem em cada tempo.

Uma toada, mil recordações

Antes de se falar das toadas dos bois-bumbás de Parintins, façamos uma breve análise da música brasileira, no que tange à sua esfera popular. A construção da identidade musical brasileira, foi um processo que se iniciou com as influências de outros gêneros musicais, trazidas junto com os negros escravizados, passando pela adaptação às culturas locais, se ressignificando e construindo uma identidade, seguida pelo processo de reconhecimento sociocultural tal como a conhecemos.

Nesse processo, cita-se a cidade do Rio de Janeiro como ponto de cruzamentos de uma diversidade cultural que “forjou, ao longo do século XIX e XX, boa parte das nossas formas musicais urbanas” (Napolitano, 2005, p. 39). O cruzamento de história e culturas existentes na cidade do Rio e Janeiro, permitiu essa construção e reconstrução da identidade musical ao longo do tempo, que se preenchia com a identidade de cada sociedade que formava a então capital do Brasil, na época. E ao lado do Rio de Janeiro, temos o Nordeste, sobretudo os estados da Bahia, Pernambuco, Paraíba e Ceará, que contribuíra na construção da identidade musical brasileira “fornecendo ritmos musicais, formas poéticas e timbres característicos que se incorporaram à esfera musical mais ampla, sobretudo a partir do final dos anos 40” (Napolitano, 2005, p. 39). Essa entrada da cultura musical nordestina na esfera mais ampla, se dá a partir

dos trabalhos de Luiz Gonzaga, que nacionaliza o seu Baião através do rádio “consagrando definitivamente a música nordestina nos meios de comunicação e no mercado do disco do ‘Sul Maravilha’” (Napolitano, 2005, p. 39). A partir de então, se abre um caminho para a difusão de outros estilos musicais nordestinos como o forró, o xaxado, o frevo... que ajudaram a enriquecer a já diversa musicalidade brasileira.

Retornando ao Rio de Janeiro, como ponto de encontro de diversidade musical, Napolitano (2005) ressalta que este encontro não foi apenas interclassista e inter-racial, apesar de toda exclusão de uma sociedade desigual tal como a brasileira, mas

foi também inter-regional: primeiramente os escravos que se deslocaram da Bahia para o Rio, após o século XVIII, e do interior para a capital, após a abolição), seguidos num outro momento, da migração interna de nordestinos, em sua maioria camponeses, retirantes, que vieram para o Rio (e para São Paulo) após a década de 30 e 40 (p. 40).

Mas é necessário lembrar que apesar desse contingente cultural, a aceitação da música popular pelas classes médias da população não foi linear e repentina. Ainda teriam que aguardar a Bossa Nova para aderir a esse estilo musical popular.

Nesse processo da história da música brasileira e sua construção como identidade nacional, temos a MPB, que equivocadamente foi acusada e vista como um caminho de abertura para o estrangeirismo e perda da identidade nacional. Mas acabou se consolidando a sigla, não como referência de um estilo musical em particular, mas como um conjunto de traduções musicais mais complexas.

Em cada período da história da formação da tradição musical brasileira temos: a consolidação do samba como gênero nacional (anos 20/30); “a mudança radical do lugar social e do conceito de música popular brasileira” (p. 47) (anos 1959-1968); “invenção do conceito de ‘velha guarda’ e ‘era de ouro’ da música brasileira” (p. 47) (final dos anos 40 e meados de 50); e “a reorganização dos termos do diálogo musical presente-passado” (p. 48) (anos 1972-1979). Assim, como ressalta o autor “em cada momento acima citado, o passado e o sentido da tradição foram redimensionados, na medida em que novas formas e pensamentos musicais foram incorporados” (Napolitano, 2005, p. 48).

A identidade musical brasileira, se constrói a partir de um processo de hibridação, uma vez que em seu processo de construção muitas culturas e histórias se cruzam, ressignificam a musicalidade e, conseqüentemente, envolve em si toda a comunidade na qual foi construída.

Dessa maneira, temos um vasto universo musical que se divide em seus inúmeros gêneros como o Rock, o Baião, a MPB, o Samba entre outros; cada música traz uma mensagem,

seja ela sobre um amor ou amores, indignação, protestos, lembranças e outros. Pelas músicas são retratados momentos, lugares e pessoas que deixaram sua marca no tempo e na memória.

Pensando a música brasileira como retrato cantado de um povo, de tempos remotos ou de alguém especial que deixou sua história em sua época, destaco, como exemplo, 3 músicas que fizeram sucesso em seu tempo, quais sejam: os sambas “Aquarela do Brasil” (final dos anos 30), de Ary Barroso e “Saudosa Maloca” (1951), de Adoniran Barbosa; o baião “Asa Branca” (1947), de Luiz Gonzaga. Além do grande sucesso que essas músicas fizeram (e algumas ainda fazem), tais músicas carregam uma história que inspirou sua criação.

Gravada pela primeira vez por Francisco Alves, “a música é considerada a fundadora do samba-exaltação, subgênero no qual os compositores procuram exaltar a pátria e os símbolos da cultura nacional” (www.letras.mus.br). Nela, Ary Barroso busca apresentar o Brasil em sua essência, que além de ser vasto geograficamente, também o é em sua cultura. Sugere o rompimento de estruturas que construíram desde o período colonial, exalta a cultura negra, e ressalta que o Brasil tem uma dívida com o passado que deve ser assumida. Entre as muitas interpretações da música, ela também é considerada como o segundo hino nacional brasileiro. Em “Saudosa Maloca” é contada a história de três pessoas, em estado de miséria, que são despejados de um sobrado abandonado, onde moravam, que viria a ser demolido. A música apresenta uma sociedade onde o “progresso” caminha junto com a desigualdade social, onde poucos tem demais e muitos não possuem o mínimo para viver com dignidade. O baião “Asa Branca”, composta por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, retrata a vida de luta e resistência do povo nordestino, que enfrentava a seca severa da época. Sendo um clássico até os dias atuais, “Asa Branca” também é considerada um hino dos sertanejos.

A exemplo das músicas acima citadas, entre outras que tiveram repercussão nacional, nas quais se observam esses registros de memórias e histórias sobre momentos, lugares e pessoas, se inserem as toadas que trazem consigo também a função de registro de memórias.

No vasto repertório musical de Garantido e Caprichoso, temos inúmeras toadas que, quando *levantadas*, trazem consigo uma mistura de sentimentos: alegrias, encantamento, nostalgia, saudades... sendo esta última quem despertará lembrança de “tempos que ficaram pra trás, gente que partiu pra ficar”.

Toada (letra e música) e história: a canção como ferramenta de recuperação e manutenção da memória dos bois-bumbás de Parintins

Entre tantas funções que podem e são exercidas pelas toadas, uma delas é a recuperação e manutenção da memória. Nas toadas podemos encontrar o encômio da natureza, da morena

bela, do enaltecimento ao boi, dos protestos por um mundo melhor para todos; mas também encontramos em suas letras as reverências aos homens e mulheres que deram seu “sangue e suor”, e ajudaram a tornar a brincadeira do boi-bumbá de Parintins uma manifestação cultural tão popular.

Entre aqueles que ainda se fazem presentes entre nós, essa memória continua viva, e cada toada pode ser um gatilho para despertar outras boas memórias. Se entre eles a memória continua viva, então como perpetuar cada vez mais essas memórias? Como já fora dito, a toada é o fio condutor do espetáculo a céu aberto, pois é ela quem conduz a galera; chama o boi e demais itens individuais e coletivos para fazer sua evolução, apresentação na arena; descreve a vida do caboclo ribeirinho; reconta as fantásticas lendas amazônicas; faz um convite para conhecer os rituais indígenas e, de certa forma, faz os espectadores estarem presentes nelas... e porque não, entre tantos atributos, contar, mencionar aqueles que por muito tempo, contribuíram e “tocaram” essa brincadeira?

São toadas a exemplo de “Cabocada da Baixa” (Boi Garantido, 2007), composição de Israel Paulain e Otávio Guedes, e Os Pescadores (Heróis do Rio), (Boi Caprichoso, 1991), composição de Chico da Silva e Marcio Santos, que relembram daqueles que ajudaram a construir os bois-bumbás de Parintins. Pessoas que, apesar dos fardos do cotidiano, fugiam de sua rotina e, em seu boi de preferência, se vestiam com a fantasia da emoção, da alegria, da festança e esqueciam, por ora, o mundo lá fora.

Essas e outras toadas, são ferramentas indispensáveis para recuperação e/ou manutenção dessas memórias fascinantes da brincadeira. São nomes, histórias e memórias contadas, cantadas e revividas através das canções de Caprichoso e Garantido.

Deste vasto repertório musical dos bois-bumbás, foram selecionadas seis toadas – três de cada bumbá – para apresentar e exemplificar suas funções de recuperação e manutenção da memória dessa brincadeira, toadas cujos conteúdos retratam essas memórias produzidas ao longo do tempo. Para as devidas escolhas foram consultados a pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, de Maria Celeste de Souza Cardoso, o Livro da Toada: uma antologia Caprichoso, organizado por Diego Omar da Silveira e Roberto Sena, e sites como *letras.com*.

I. Boi-Bumbá Garantido

1 Garantido no Cio (Chico da Silva, ano);

Amada senhora

Perdoe minha demora

Tô chegando agora

Do curral do boi

Ê, festa animada!

E que batucada, super ritmada!

Por que você não foi?

Pra ver seu Garantido

Serenando no luar
Da fazenda
E no cio
Cobrinando uma rês bem novinha
Mas eu, não fui cunhatã grande, não
Que me prendeu
Mas quando já cunhatãzinha
Com os amigos
Seu João Batista, seu Belinho
Seu Dedé e seu Antônio
Amanhecemos
Tomando umas na baixa do São José
Haja toada meu amor!

2 Cabocada da Baixa (Israel Paulain e Otávio Guedes, 2007);

Caboclo do Zé-Açú
Prepara a zagaia
Afia o arpão
Vai na alvorada esperança nas mãos
Caboclo do Uaicurapá
Do cheiro da mata, das praias tão claras de Itaracuerá
Caboclo do Mamurú
Das terras longínquas
Das águas sinistras preserva os mitos da mãe natureza
Caboclo do São José toma troca
Fuma o porronca pra desafiar o contrário de lá
Didi faz tudo Cucha-chata e Porrotó
A cabocada vermelha do São José
Identidade do caboclo perreché
Mestre Venâncio, Vavazinho e Badú
Gente do povo que comia o mapará
Memórias vivas do folclore popular
Lindolfo Monteverde o criador
Dos camisas encanada ao som da batucada
O caboclo versado
Lindolfo Monteverde o criador
Do Boi Garantido
O touro aguerrido
Meu brinquedo de amor
Garantido eu sou
E não abro mão
Sou da baixa brincante de São João
Te manda boi contrário
Eu sou do Garantido
Caboclo valente de tradição

3 O Boi do Festival (Os Baiás, 2015)

Vou viajar no tempo e na canção
Contar uma história do meu Boi-Bumbá
Tá na memória e no meu coração

Pulsando a vida pra folclorear
A juventude da JAC teve a ideia pioneira
E meu povo levantou como fulo essa bandeira
Raimundo Muniz, do Garantido, o criador do festival
Com os amigos fez nascer a referência nacional
Folclore de Parintins, chama viva da fogueira
Na tradição
E consagração vermelha
Brincando em terreiros, ruas, quadras, tabladão
Evolui no bumbódromo, Garantido do povão
Boi de Lindolfo, João Batista, Mestre Ambrósio,
Venâncio e Badú
Emerson Maia, Jair Mendes, Porrotó, Zezinho,
Paulinho e Gudu
Dona Pequenininha, Maria Monteverde, Maria Ângela,
Cucha-chata das palminhas
É a turma de fé, da Baixa do São José
Boi, boi, boi, boi
Boi, boi, boi
Eternizo essa história do meu coração
Boi, boi, boi, boi
Boi, boi, boi
Tão Parintins e no amor minha sina de ser campeão

II. Boi-Bumbá Caprichoso

1 Os Pescadores (Heróis do Rio) (Chico da Silva e Marcos Santos, 1991)

O rio manso a murmurar
Numa rima de sol e luar
Lá vai Santarém, Porrotó
Luiz Gonzaga, Pamim, Zé Caiá
Heróis do rio e do igapó
Histórias do meu boi-bumbá
Calafeta a canoa, olha o arreo
Da vela não vai descuidar
Trabalhar dia e noite é bonito
O Pirralho precisa estudar
Chegou São João, vem brincar
Joga a rede que peixe vai dar
É junho, é festa, é boi-bumbá
Veste a fantasia de novo
O azul e branco é do povo
A poronga não pode apagar (2x)

2 Missionário da Luz (Chico da Silva, 1991)

É abençoada a mão que cura
Essa vida linda vem de Deus
Mas a convivência vem de nós e para nós
Também os céus, tudo Deus criou
Fez até o homem, divino e perfeito e o abençoou
(bis)

Alô! Alô seu Valdir Viana
O bem que da ilha emana
Anjo amigo, alma pura
Missionário da luz
A fé cristalina do amor
Nobreza suave da flor
A mão que nos cura com a fé de Jesus
Boi Caprichoso mandou
Cantar pro Valdir a toada
Ao som da nossa Marujada
Por todos aquele que ele curou (2x)

*3 100 Anos de Cultura Popular (Cezar Moraes,
Rossy do Carmo e Chiba, 2013)*

Boi, boi, boi, boi, boi
Eu não vivo sem você,
Sou Caprichoso até morrer (2x)
Aplausos incontidos pro meu boi
Fogos de artifícios pro meu boi

Festa pro meu boi azul e branco Touro Negro, vencedor
Cem anos de esplendor e glória
De garra vibração e história
É boi valente dos guerreiros Parintintins
É boi de raça dos bravos tupinambás
Cem anos de folclore e de cultura popular
A vaqueirada te rodeia de paixão
A marujada ritmada rufa tambor
Com a galera azulada
Saudando o centenário do boi campeão
Boi de Luiz, boi de João e José
Paixão de Roque Cid, amor primeiro do meu boi
Boi de Ednelza e Didi, Sila Marçal e Camé
Dona Aurora, Pai Francisco e Catirina, Xibelão
Canta meu Boi
Meu boi é emoção, meu boi é tradição
É arte, suor e calor
Boi de nossa senhora mensageiro do amor (2x)

As toadas acima mencionadas foram escolhidas por serem consideradas completas, pois apresentam esses “personagens” que ajudaram a fortalecer a brincadeira do boi-bumbá de Parintins, bem como as características que são tão singulares de cada região e tão comum em seu todo. Dessa maneira, as toadas nos fornecem uma lista um pouco extensa, e assim temos, pelo Boi Garantido: João Batista Monteverde, Belinho, Dedé, Antônio, Vavazinho, Ambrósio, Pe. Augusto, Didi faz tudo, Venâncio, Porrotó, Cucha-chata (Maria Belém), Badú, Tadeu Garcia, Braulino, Chico da Silva, Inaldo Medeiros, Tony Medeiros, Paulinho Dú Sagrado, Emerson Maia e Lindolfo Monteverde, o criador. E pelo Boi Caprichoso a lista também se estende trazendo: Furtado Belém, Emídio Vieira, Luiz Gonzaga, Lioca, Zeca Xibelão, Santarém, Pamim, Zé Caia, Chico da Silva, Irmão Miguel de Pascalle, Roque Cid, Ednelza, Didi, Sila Marçal e Camé. E outros nomes como Valdir Viana, Nêga Parteira, Martinha Prata, que não tinham ligação direta com os bumbás, mas eram conhecidos na região pelo trabalho que realizavam no tratamento de doenças, parto entre outros afazeres a partir de sua sabedoria popular.

A partir disso, se pergunta: quem são essas pessoas? Por que são homenageadas em trechos ou em uma toada inteira? Estavam diretamente ligadas aos bois de Parintins? De que maneira contribuíram na construção dos Bois-bumbás, Caprichoso e Garantido? E principalmente, como as toadas atuam no resgate e/ou manutenção dessas memórias?

São perguntas simples, que podem ser feitas por quem ouve atentamente a alguma toada, seja nos bares ou em ensaios oficiais dos bumbás, ou presencia, em algum evento, homenagem a alguém presente em vida ou “gente que partiu pra ficar”. E quando o tempo, as

transformações, a renovação ameaçam esquecer tais pessoas, as toadas surgem como essa ferramenta indispensável para a recuperação e manutenção dessas memórias.

A partir dessas toadas, é possível responder a esses questionamentos. E conhecê-los não apenas como brincantes, mas o seu cotidiano: como trabalhavam, convivências sociais entre outros aspectos.

Vale ressaltar que essas toadas não descrevem detalhadamente a vida, a participação desses brincantes. Esses detalhes estão presentes, principalmente, nas memórias daqueles que conviveram, compartilharam momentos do dia a dia com essas pessoas emblemáticas nos bumbás de Parintins. Com isso, além das consultas em livros e artigos, foram também entrevistados brincantes velhos e novos, que contribuíram na construção deste trabalho, quais sejam:

- ✓ Maria do Carmo Monte Verde Carvalho, entrevista em 05 de agosto de 2023;
- ✓ Caetano Godinho de Medeiros Cursino, entrevista em 09 de agosto de 2023;
- ✓ Ronaldo Barbosa, entrevista em 09 de agosto de 2023;
- ✓ Ronaldo Barbosa Júnior, entrevista em 09 de agosto de 2023;
- ✓ Jair Mendes, entrevista em 11 de agosto de 2023;
- ✓ Manuel Marcos de Moura Clementino, entrevista em 12 de agosto de 2023;
- ✓ Frederico Daniel Paulo Rolim de Góes, entrevista em 15 de agosto de 2023;
- ✓ Benedito Siqueira da Silva, entrevista em 25 de agosto de 2023;

Como já fora dito anteriormente, entre tantas funções que à toada é designada, uma delas é sua indispensável contribuição na recuperação e manutenção da memória dos bois de Parintins. Sendo ela produzida por pessoas que viveram em diferentes épocas, as toadas apresentam características singulares de seu tempo, no qual dialogam com o lugar, circunstâncias e o convívio social, com as características geográficas, com os acontecimentos de cada época. Se pode dizer, dessa maneira, que a toada é um produto histórico, sociocultural de identidade local. Desse modo, irá abrigar uma enorme carga de informações, que irão se diferenciar de um período para o outro, e que hoje são de fundamental importância para que se possa conhecer e compreender seu conteúdo. Como ressalta Fred Góes, um dos entrevistados deste trabalho,

Parintins era muito pequena, [...] primeiro era demorado pra chegar informação, então o universo era menor, mas mesmo assim, as toadas, elas se prestavam não apenas para esse lado mais romântico, ou mais emotivo, que é falar das coisas mais emotivas. Mas a toada servia muito como veículo de comunicação. Isso é muito importante falar (2023).

Com isso, irão sempre transmitir aos seus apreciadores aquilo que estão vivendo no dia-a-dia, e os acontecimentos da época que são noticiados. Percebe-se então, mais uma vez, que

as toadas não se distanciam de sua realidade, o que reforça seu envolvimento com essas memórias.

Nesse universo de memórias da brincadeira e dos brincantes dos bois de Parintins, que foram sendo construídas e, de alguma forma, registradas – como no caso das toadas –, sempre irão remeter, a partir de uma canção, a um tempo específico, com isso se faz a seguinte pergunta: quais foram essas toadas marcante e que recordações (de lugares, de períodos e pessoas) são trazidas por elas?

Dona Maria do Carmo Monteverde, que é filha de Lindolfo Monteverde, e uma das pessoas entrevistadas, ao relembrar momentos de sua vida e relacionar com as toadas, ela menciona uma das primeiras toadas feitas por Mestre Lindolfo, qual seja,

A minha fazenda, desde nova é registrada
Tem um campo verde onde pasta a minha boiada.
Morena vem ver garantido na malhada.
Todo mundo vai ver o Garantido com a vaqueirada
Dando sinal de guerra com a turma bem-preparada.

Segundo a entrevistada, essa toada relembra o que seus avós lhe contavam, quando Lindolfo, ainda menino, foi aprendendo com seus antepassados. Outra toada que lhe traz boas lembranças, faz referência ao momento em que Lindolfo Monteverde conheceu sua esposa, a dona Antônia, quando este foi pescar com seu pai, no lago chamado *Arara*, à margem esquerda do rio Amazonas, e na época, dona Antônia tinha aproximadamente 12 anos. A toada criada por Lindolfo, como homenagem a ela foi “Acorda Morena Bela”, cuja letra é a seguinte:

Acorda morena bela, vem ver
O meu boi serenando no terreiro
É assim mesmo que ele faz lá na fazenda
Quando ele avista o vaqueiro.
Dança, dança Garantido, como mandei te ensinar
Dança, dança boi bonito, és campeão do lugar.

Outra toada mencionada por dona Maria, faz referência a sua infância, quando saíam na companhia de sua avó Alexandrina, para coletar barro que seriam usadas nas confecções de panelas, fornos e outros. A toada em questão é a seguinte:

“Urrou meu novinho, na praia pequena, na beira do rio.
O meu boi urrou, o meu povo sorriu.
Dança, dança Garantido, como eu mandei te ensinar.
Dança, dança Garantido, és campeão do lugar”.

Além de trazer lembranças de infância, a toada também faz uma pequena descrição do lugar, como conta dona Maria Monteverde

esse nosso rio Amazonas, ele tinha a praia. Dalí da boca do limão até no nosso mercado (que ainda existe o mercado na mesma posição), nós corríamos daqui pra lá, nós crianças, porque minha vó pegava barro em toda essa área, que ela era artesã de fazer panela, forno, essas coisas... ela trabalhava com barro. E daqui nós corríamos até o mercado, juntando pedrinha branca [...] e aí a gente tinha essa brincadeira de ir até no mercado [...]. Enquanto nossos avós ficavam lavando roupas ali, a gente saía correndo lá.

Marcos Moura, outro entrevistado nesta pesquisa, se refere a esta toada para enfatizar que Lindolfo “registrava também o carinho que ele tinha pelos seus”. Tal carinho se registra também em outra toada que, como conta o entrevistado, Lindolfo Cantava, que é a seguinte

Vem cá santinha, vem cá, vem ver
Boi Garantido, já vai morrer.

Pode-se fazer a pergunta: quem seria essa Santinha mencionada na toada?

[...] então Santinha era, segundo a dona Maria Monteverde, a irmã de Lindolfo, que ficava em casa, que acompanhava meio de longe a brincadeira, porque antigamente a brincadeira era em alguns momentos perigosa, recomendada mais para homens, justamente pelos confrontos que tinha nas ruas da cidade (Moura, 2023)

Outro entrevistado, Bené Siqueira, se refere a este local descrito na toada, que é a “praia pequena na beira do rio”, na Baixa da Xanda, como ponto de encontro com essas pessoas. E ele vai se referir a ela como “Praia dos Lençóis”, e futuramente compõe uma toada que leva o mesmo nome, qual seja:

Na praia dos lençóis eu encontrei um touro branco
Estava meio zangado junto da sua manada.
Olha povo contrário, respeita a minha toada.
Tu deixas do disse me disse, eu sou um camisa encarnada

E quando questionado em relação ao nome da toada em referência à praia ele responde:

Naquele tempo, as pessoas que vinham pra Parintins, tinha poucos hotéis... e as pessoas gostavam muito daqueles lençóis de cama, e a família do Lindolfo Monteverde, [...] e a dona Maria, a esposa do seu Lindolfo Monteverde, os filhos ali, o pessoal do seu Belinho, eles lavavam muitos lençóis, então eles estendiam ali naquela área da Baixa, de frente pro rio Amazonas, [...] e tinha tipo uma praia na frente, então ali começavam a chamar de Praia dos Lençóis. E era exatamente nessa Praia dos Lençóis, por de trás da casa da dona Maria pegando a casa do seu Belinho, Dedé e aquela turma, que era feito, antigamente, o Boi-Bumbá Garantido.

Fred Góes faz uso da mesma canção para lembrar da genialidade de Lindolfo em descrever o local em uma breve toada e diz “no geral, as toadas eram muito mais ágeis para repassar a ideia que o compositor queria, e o Lindolfo faz isso com uma precisão fantástica quando ele fala da praia que existia ali naquele furo da baixa” (2023). A toada também é usada por Fred para explicar que elas “lá atrás, elas se referiam muito mais precisamente ao cotidiano de uma

fazenda, ao cotidiano do vaqueiro” (2023). Assim toma como exemplo duas toadas dessa época, quais sejam:

- 1) Vaqueiro sela o cavalo e vai buscar meu boi no campo.
Olha vaqueiro, não quero choro nem prato
Eu vou passar na travessa Rio Branco.
- 2) No pasto verde o meu gado está pastando
Seis horas da tarde o vaqueiro sai gritando
Boi, boi, boi, tá na hora de ir pro curral.
Garantido segue na frente, a boiada vai acompanhando
Todos vão na vaquejada e o vaqueiro continua gritando: boi, boi, boi.
O meu amo está chamando.

Ele recorda de quando criança, que tinha um tio que era capataz na fazenda do senhor Pascoal Alaggio, “que deu o nome desse bairro, que atravessava por dentro da fazenda”. Assim se reforça o que fora dito anteriormente, pelo próprio entrevistado, que a toada é um instrumento de comunicação, pois ela transmite, descreve o seu cotidiano. Desse modo, ele cita duas toadas dos anos 60, que fazem referência a um dos maiores acontecimentos da história contemporânea da humanidade e, assim também se pode dizer, o maior da época, que é o início da corrida espacial, as toadas em questão são Boi na Lua (Garantido), de Mestre Ambrósio e outra do Boi Caprichoso

Boi na Lua (Boi Garantido)
Os russos querem saber
Se a Lua é um planeta habitado
Se eles disserem que é
Eu vou brincar boi na Lua
Vou deixar o meu São José [...]

(Boi Caprichoso)
Sabem que vocês fizeram subir um foguete pro ar
Mas ele foi e voltou, foi ver a beleza de lá.
Eu pra lá não quero ir, posso não me acostumar
Deus nos deu esse poder, mas pode nos prejudicar

Duas obras de dois compositores distintos, tratando de um mesmo assunto, mas com visões totalmente diferentes. E continuando a exemplificar, Fred menciona uma toada de Raimundinho Dutra, do Boi Caprichoso, que fala sobre a inauguração de Brasília:

Povo brasileiro, veja que admiração
Mas uma cidade maravilhosa surgiu em plena nação
Viva Brasília, viva o doutor Juscelino
Que sonhou desde menino em fazer essa grande construção.
Querida cidade alvorada, pelo mundo admirada, és a rainha da nação.
Aceita Brasília essa humilde saudação
Invocado nessa rima, como toda dedicação.

A exemplo dessas, a lista de toadas que retratam o cotidiano do vaqueiro, da fazenda, de acontecimentos da época, é extensa, e ressalta a importância da toada como instrumento de comunicação, abrindo possibilidades de pesquisas que possam retratar especificamente dessa finalidade da toada e sua função social. Mas ainda seguindo a análise de Fred, Bené Siqueira cita a toada “Ai, ai meu Deus”, do compositor Pitombeira, que diz o seguinte:

Ai, ai meu Deus, mas que crueldade,
No Brasil, em toda parte da cidade
Eu sei de tudo, mas o que eu tô pra fazer?
Mudaram tudo, deputado, presidente, senador.
O final da história, o pobre é quem sente a dor.
Eu só queria lhe dizer, que faça nem bala me entrasse
Que eu ia em Brasília e ia acabar com essa trapace.

A toada antológica do Boi Garantido em questão, faz referências as turbulências políticas no período da Ditadura Militar no Brasil, e o desgosto do compositor, tal como de outras pessoas, com o cenário político brasileiro. E além de descrever situações do momento, e sendo assim, estar relacionada a um acontecimento, ela também é uma ferramenta indispensável nesses resguardos de memórias.

Partindo para toadas mais recentes, outro entrevistado nesta pesquisa, Ronaldo Barbosa Júnior, usa como exemplo a toada “Bicho-Homem” (Caprichoso, 1998), que marcou sua infância, pois, como relata o entrevistado:

Quando o Caprichoso entrou com ‘Parque dos dinossauros’ na arena, que foi uma coisa incrível, parecia que era uma coisa saindo dos estúdios dos EUA acontecendo aqui. Nessa época eu estava em Campina Grande, eu era criança, mas estava assistindo pela Amazon Sat.

“Pesadelo dos Navegantes” (Caprichoso, 1998) é outra toada mencionada por Ronaldo Jr, pois remete também a momentos de infância e memórias de arena, e cita Arlindo Júnior.

Essa memória sobre essa mesma toada e Arlindo Júnior é mencionada por Ronaldo Barbosa, outro entrevistado nesta pesquisa e compositor da toada em questão. Ele relata o seguinte:

[...] eu não poderia deixar de falar de ‘Pesadelo dos Navegantes’, que foi uma toada antológica do Boi Caprichoso, que traz toda nossa história de descobrimento, partindo da Península Ibérica, passando pelos contos dos navegadores até chegar em Parintins, onde é celebrado com salvas de tiros de morteiros a primeira missa. E o que deixa de lembrança é que justamente o comandante dessa nau era o Orellana, figurado por um grande amigo que partiu, chamado Arlindo Júnior. E essa lembrança ela é marcante, a entrada dele na arena, com essa toada. E essa toada marca uma trajetória de saudade, de lembrança muito marcante.

Arlindo Junior, é mencionado no livro “Caprichoso: a Terra é azul”, de Andrés Valentin, no qual o autor descreve que

Arlindo começou a vida como bancário, em Manaus. Já gostava de cantar nos bares até o dia em que conheceu Parintins. Gostou tanto que se mudou para lá e virou disk-jockey. Em 1988, foi convidado para ser levantador de toadas do Caprichoso. [...] Não é simples levantador de toadas; é um personagem. Não apresenta o Boi; incorpora. Por várias vezes deu por si aos prantos, emocionado com o carinho da galera, principalmente das crianças (1999, p. 126).

Seguindo esse caminho das memórias mais recentes, outro entrevistado que conta um pouco de sua memória na brincadeira é Caetano Medeiros, compositor e brincante no Boi Caprichoso. Ele menciona, entre outras canções, a toada “Navegantes do Folclore” (Caprichoso, 1997), pois, como ele relata

[...] ela lembra muito a minha infância. Eu morava ali na Sá Peixoto, ... ali onde era o reduto do Caprichoso. Inclusive eu lembro muito dos momentos que a gente fazia um boizinho na rua[...] em que a gente se juntava. Naquela época eu era um Pai Francisco, na apresentação do boizinho de rua. O boizinho começou com o nome de Garrote, depois virou Campeão. [...] E eu acho que a gente ficou fazendo uns cinco anos direto. E algumas pessoas que foram itens saíram de lá: Tainá Valente, que era minha colega, que minha colega de rua lá, Neto Simões, que era pajé, Talita Brasil, [...] eu lembro do Luciano Brasil, que já se foi, já partiu, era Backing Vocal do boi..., inclusive Gaspar Medeiros, que é meu irmão, que era amo lá e foi amo do Garantido.

Partindo para uma das toadas que foi o fio condutor deste trabalho, “Os Pescadores (Herois dos Rio)” (Caprichoso, 1991), são apresentados nomes como “Santarém, Porrotó, Luiz Gonzaga, Pamim, Zé Caiá”. Nesta toada, Bené ressalta que

O Chico da Silva, [...] quando ele fala dos seus colegas pescadores, são pessoas que nós conhecemos muito. ‘Lá vai Santarém, Porrotó, Luiz Gonzaga, Pamim, Zé Caiá’ – Pamim, inclusive era meu tio. Eram todos pescadores, eram todos amigos ali, apesar de que Chico da Silva não era um pescador nato, mas ele convivia com essas pessoas ali pela beirada dos rios, pela frente da cidade [...]

Na toada em questão, Chico da Silva não só se menciona nomes, mas faz alusões aos trabalhos realizados no dia-a-dia, a começar pelo próprio nome da toada. Essas alusões podem ser percebidas no trecho em que ele diz “Calafeta a canoa, olha o arreo, da vela não vai descuidar. Trabalhar dia e noite é preciso, pirralho precisa estudar”, estilos de vida que sofreram algumas transformações, mas que permanecem vivas nas memórias e nas canções. *Santarém* é lembrado por Bené Siqueira como, além de pescador, também como uma pessoa religiosa, membro da Congregação Mariana. Luiz Gonzaga, que é mencionado nesta e em outras toadas como, por exemplo, “A História do Meu Boi” (1985), “Encomenda de Luiz Gonzaga” (1988) entre outras, é lembrado pela história do Boi como um dos donos do Caprichoso, e por outros como o verdadeiro criador do Boi Caprichoso. Um assunto que não cabe a esta pesquisa discutir tal mérito. Entre os outros nomes citados na toada, temos Porrotó. Em “Vermelho: um pessoal Garantido”, de Andréas Valentin ele conta em entrevista que

Esse nome Porrotó foi por causa de uma toada de boi dos tempos de atrás. Cantava-se assim: ‘Tu me respeita, contrário, eu sou brasileiro / tu me respeita, contrário, eu sou brasileiro/ me chamaste de mal feito, barrigudo / e ainda me chamaste de metido / tu és porrotó / mas este ano vou com a mão no teu gogó (Entrevista de Porrotó, concedida a Andréas Valentin, 1999, p. 79).

Fred Góes também relembra de Porrotó, enfatizando e sua característica que o deixou marcante na brincadeira:

Porrotó era aquele que brigava pelo Boi, literalmente. Não fosse fazer graça, porque ele era muito brabo, [...] homem humilde e simples, mas educadíssimo, conversava com todo mundo. Porrotó foi criado pelo Lindolfo, ele chamava o Lindolfo de Pai. Ficou famoso com aquele cheque-cheque enorme, que o filho dele toca até hoje.

Bené ressalta que Porrotó é mencionado nessa letra do Caprichoso porque partilhava do trabalho de pescaria com os demais citados, e destaca que era Porrotó quem dispunha dos materiais de pesca, como o arreo, para a realização do trabalho.

Voltando à entrevista concedida à Valentin, Porrotó entoava uma toada muito significativa, pois relembra, com saudade, de Lindolfo Monteverde:

“Lindolfo quando cantava
A terra estremecia
Cantava lá na francesa
E no São José se ouvia
Lindolfo homem festeiro

Festejando São João
A reunião em sua casa
Uma perfeita sessão
Enfeitou todo o terreiro
De bandeira e balão” (1999, p. 81)

Hoje Porrotó já é falecido, mas essas memórias guardadas por ele, são lembradas nos registros deixados tanto nos livros, como em toadas, tal qual a acima citada.

Outra toada que, apesar de não estar presente em nenhum álbum, mas que também tem sua importância nesse resgate de memórias, é “Garantido no Cio”, de Chico da Silva (já listada no início deste tópico). Antes de destacar os nomes nela mencionados, é interessante atentar a dois detalhes, ou melhor, dois personagens ocultos nessa toada: o que entoava a toada e a “amada senhora”. O primeiro se refere a Lindolfo Monteverde, que chegando da brincadeira, se dirige à amada senhora, que seria sua esposa, Antônia (a “amada senhora”), para lhe dizer a falta que fez na festa e o que não pôde presenciar: “ver seu Garantido serenando no Luar”. Em seguida são apresentadas 4 pessoas, cujo nomes ficaram marcados na história do Boi Garantido: João Batista; Belinho, Dedé; e Antônio.

João Batista Colares Monteverde, foi amo do Boi Garantido sucedendo seu pai, o Mestre Lindolfo Monteverde, após seu falecimento, em 1979. Antepenúltimo filho de Lindolfo e Antônia, desempenhou com êxito o que lhe fora confiado. Fred Góes ressalta que “João Batista foi da transição de amo do Mestre Lindolfo para o João Batista. João Batista foi amo, grande amo, com a característica ainda original dos versos de Lindolfo”. Sendo ele fruto dessa convivência mais direta com a primeira geração de brincantes, João Batista se alimentou desse “jeito” mais tradicional de brincar o boi, sendo assim, seus versos estão voltados também a exaltação da natureza, a morena bela e aos desafios ao boi contrário. João Batista Monteverde, assim como dona Maria do Carmo Monteverde, sua irmã, são umas das memórias vivas dessa história do

Boi Garantido. Outro membro da família, que também é citado na toada, é Antônio, segundo filho de Mestre Lindolfo e dona Antônia. É importante e interessante ressaltar que, apesar de ser chamado de Antônio, seu nome verdadeiro é Reinaldo Colares Monteverde. O nome antonio vem por causa de sua semelhança com sua mãe, dona Antônia.

Fred Góes também relembra de Antônio, e menciona das histórias que contam de que fora Antônio que teria colocado o coração na testa do Garantido, quando este teria feito primeiro em um boizinho em uma comunidade rural, Lindolfo teria se agradao e pedido para fazer o mesmo com o Garantido. Mas para além disso, Fred ressalta que

Ele se tornou uma grande figura porque, além do Boi, ele era quem a gente chamava de peixeiro. Ele andava numa bicicleta, aquelas cargueira, com o isopor cheio de peixe que ele vendia pela cidade. Então todo mundo conhecia o Antônio (2023).

Outras figuras mencionadas na toada são Belinho, cujo nome era Raimundo Marchão de Carvalho, e seu irmão Demóclito Marchão de Carvalho, popularmente conhecido como Dedé. Fred Góes lembra dos irmãos e conta que eles tinham uma pequena propriedade no Limão, onde criavam gado. Sobre Belinho, Fred conta de uma lembrança que é em relação à vaqueirada do Garantido, e relembra que naquela época, Belinho “saía na vaqueirada, e era incrível porque ele liderava a Vaqueirada, mas o dele não era um cavalinho, era uma girafa, era grandona, era incrível. [...] Acho que era girafa mesmo, mas não era um cavalinho.”. Dona Maria do Carmo conta que essa égua (que Fred chama de girafa), como ela mesmo menciona, era grande e pesada pois servia principalmente para “levar a cachaçada do pessoal”. Dedé, era tocador de palminha. Sua palminha se destacava entre as demais, pois era bem maior que as outras. Fred salienta que “se tornou histórico a figura do Dedé por diziam que ele era grosseiro ..., porque ele trabalhava com boi. E eu vi, ele trabalhava descalço na fazenda buscando boi”. Tais pessoas são citadas em outras toadas, como, por exemplo, “São Benedito” (Garantido, 1998), de Chico da Silva, no qual traz outros dois grandes nomes da história: Ambrósio e Vavazinho. Fred Góes relembra dos mesmos relatando:

Mestre Ambrósio, convivi com ele, então tenho uma grata satisfação de ter uma parceria com ele que é ‘Missão de Ensinar’, com ele e Sidney Resende, que é aquela ‘Olha contrário meu boi é de tradição, sou de fibra, sou de raça, pro teu teto de vidraça, meu desafio é sempre uma lição’. Ambrósio, um compositor, e no Garantido ele reinou, pode-se dizer que ele reinou, junto com o Vavazinho. Era uma dupla inseparável, faziam toadas excelentes. O Ambrósio, quando o Garantido foi participar do Festival Folclórico General Osório, lá em Manaus, em 62, a música era do Ambrósio: ‘Boa noite povo amazonense, vem ver. Boi Garantido chegou e serenou’ – olha só, eles estavam lá em Manaus, mas tinha que mexer com o contrário – ‘Fazendo inveja pro povo contrário de azul’, porque eles não tinham ido, era só o Garantido. [...] Ambrósio era campeão de toadas excelentes.

Dona Maria do Carmo conta que Vavazinho “era brincante ótimo. Ele tirou muitas toadas. [...] tem uma que ele fez ‘contrário você falou que viu meu touro nadando, meu amo cortando pau e Vavazinho amarrando. És mentiroso contrário, não tens coragem, é vergonhoso brincar no terreiro emprestado” (2023). A toada em questão, como também relembra Mestre Jair Mendes, faz referência a resposta a alguma toada feita pelo Caprichoso. Além do mais, ela descreve a ausência de local fixo para o Caprichoso realizar seus ensaios.

Seus nomes serão lembrados, no decorrer dos anos, em outras produções dos bois. Vavazinho, por exemplo, é lembrado por Geandro Matos, na toada Eterno Trovador (Garantido, 2012).

Partindo para outra toada “Cabocada da Baixa” (Garantido, 2007), de Israel Paulain e Otávio Guedes, na qual, além de mencionar pessoas já citadas anteriormente em outras toadas como: Porrotó e Vavazinho, ela traz também outros “personagens” desta história, quais sejam: Venâncio, Badú e Didi Faz Tudo, Cucha-chata.

Pela dimensão de informações que podem ser abordadas sobre esses brincantes aqui mencionados, fica impossibilitado de apresentar neste trabalho uma análise sobre cada um deles, por isso, será tomado como exemplo um deles: Didi Faz Tudo que, como o próprio nome diz, é aquele famoso “pau pra toda obra”. Marcos Moura conta que

Didi Faz Tudo brincava de tuxaua, era um exímio artesão, maravilhoso. Tive a felicidade de conviver com ele, de acompanhar o trabalho. Tive até de coordenar grupos de dança que usavam as fantasias que ele fazia. E era muitas vezes na casa dele mesmo que ele fazia essas fantasias. Morreu idoso, mas é uma figura histórica do Didi Faz Tudo.

Dona Maria ainda ressalta que “eles inventaram muita coisa no boi. Eles inventavam, [...] o velho Faz Tudo com toda filharada. [...] Chamavam de Faz Tudo porque que você quisesse que eles fizessem, inventasse alguma coisa, tudo eles sabiam fazer”. Quem também recorda de Didi Faz tudo é Fred Góes, que relata:

[...] eu era menino, esse formato de capacete, arredondado, primeira vez que eu vi, foi o Didi Faz Tudo, porque eu via tanto no Garantido quanto no Caprichoso. Um capacete todo branco. E outra coisa, primeiro capacete iluminado. Encheu daquelas lampadzinhas de lanterna. Capacete dele era tudo branco. Penas brancas, calça branca com algumas coisas de pena assim. Carregava uma pilha assim no lado pra acender de noite. 10 horas da noite, quando o Boi chegava pro centro da cidade, não tinha luz. Quando a gente viu aquilo ali, parecia uma nave espacial que estava descendo aqui. Era o Didi Faz Tudo. E já no Bumbódromo novo, [...] a gente ganhou vários 10 com ele fazendo aqueles capacetes de palha, contrastando com seu adversário. E o jurado dava 10. Totalmente sem aqueles luxos dos capacetes, ele vinha com aquele capacete todo tecido em palha, e aí ganhava 10.

No outro lado, encontrava-se o adversário do Didi Faz Tudo, que era nada menos que Zeca Xibelão, nome este dado ao atual curral do Boi Caprichoso. Xibelão é homenageado na toada “Zeca Xibelão” (Caprichoso, 1989), de Hélio Omar Conceição e Neto. Quem relata sua experiência com Zeca Xibelão é o Mestre Jair Mendes

ele fazia o capacete dele bonito. Naquele tempo não era como agora, aqueles capacetes faraônicos. Aí eu fui lá, quando eu passei pro Caprichoso, fui trabalhar pro Caprichoso, em 1986, aí ele foi lá comigo, mostrar como era o capacete dele, como é que era e tal. Aí ele estava pregando as penas com linha e agulha. Aí eu disse ‘Xibelão, não é assim que se faz, [...] é com cola de sapateiro. Aí pronto, todo mundo parou de costurar. [...] Ele me agradeceu muito, o Xibelão.

Xibelão também é lembrado por Acinélcio Vieira – brincante e ex-presidente do Boi Caprichoso – em entrevista a Andréas Valentin, em que ele descreve o seguinte:

O Xibelão chegava para mim pedindo material: ‘Acinélcio, preciso trabalhar. Vou precisar de um metro de murim, um pacote de algodão, um rolo de fita gomada e três dedais de pó brilhante, dourado, azul e branco’. Enquanto os outros pediam quilos e quilos de material, o Xibelão, com este pouquinho, fazia capacetes belíssimos (1999, p. 91).

Jair Mendes ainda acrescenta:

Olha, não existiu, em tempo nenhum, uma apresentação como a do Xibelão, a maneira como ele pulava. Todo mundo queria imitar, no Garantido, no Caprichoso, não adiantava. Era aquele compasso dele. [...] Eu fiz vários tuxaús pra querer ser melhor do que ele, era o Antônio Faria, [...] e até o Emerson eu botei pra ser tuxaú, eu queria superar o Xibelão naquele tempo, mas não teve jeito. Até o jeito dele fazer o capacete era diferente, todo bonitinho. [...] Ele não era nem lembrado. Ele só foi lembrado depois que descobriram que ele era o cara, o cara do capacete. [...] A maneira de dançar era diferente, pulava assim compassado, era uma coisa bonita.

Outra pessoa rememorada é irmão Miguel de Pascalle, na toada “Escultor de Querubins” (Caprichoso, 1999), de Mailzon Mendes, Alceo Anselmo, José Augusto Cardoso e Eliberto Barroncas. Irmão Miguel de Pascalle, foi missionário do PIME, desembarcando na Amazônia, mais precisamente em Parintins, ensinou suas técnicas de artes que ajudaram na formação de grandes artistas renomados de Parintins.

Jair Mendes comenta sobre as contribuições de Irmão Miguel para com o desenvolvimento da estética artística e formação de novos artistas, como Juarez Lima. “Aquele artista famoso que trabalhava no Caprichoso, que é muito meu amigo, [...] o Juarez Lima, passou pelas mãos do irmão Miguel. Só eu que não, porque eu já era artista, mas esses mais novos foi ele quem ensinou” (2023).

Assim como irmão Miguel, outro religioso homenageado é padre Augusto Gianola na toada “Augusto da Emoção” (Garantido, 2001), de Tadeu Garcia. Padre Augusto entra na história da brincadeira e sua memória é registrada nas toadas por ser, junto com outras pessoas como Raimundo Muniz, Xisto Pereira e Lucinor de Souza Barros, um dos criadores e organizadores do Festival Folclórico de Parintins.

A toada “As Benzedoras da Amazônia” (Caprichoso, 2006), de Sebastião Júnior e Edvander Batista, cita duas mulheres que, podemos assim dizer, estão ainda presentes no imaginário do parintinense: dona Martinha e dona Nêga Parteira. Martinha Prata tem sua história registrada por exercer uma função social ao qual ainda se faz muito presente na cultura Amazônica, a arte da benzedura. É comum na cultura local recorrerem aos benzedores e benzedoras, para curar alguma enfermidade, recorrem à sabedoria popular para a cura desses males que afligem o ser humano. Ronaldo Barbosa relata que “dona Martinha Prata era uma benzedora muito famosa. As crianças quando estavam com diarreia, não levavam no médico, levavam lá na dona Martinha” (2023). Outra pessoa também muito importante nesse universo da sabedoria popular é dona Nega Parteira, muito procurada pelas mães que estavam prestes a dar à luz as suas crianças. Assim como dona Martinha, Ronaldo Barbosa conheceu também dona Nêga, a partir do contato pessoal, e conta que

Parintins era praticamente uma vila, então todo mundo conhecia todo mundo. A dona Nêga era como se fosse, na época, a ginecologista e a obstetrícia de Parintins. Fazia parto na casa, ia aqui no Parananema, no Aninga fazer parto, na Vila Amazônia fazer parto. Ela era realmente a parteira de mão cheia aqui em Parintins.

Fred Góes também relata que “naquela época a dona Nêga era a grande figura dos nascimentos. Eu conheci outras parteiras, mas a dona Nêga foi a que ficou conhecida na memória popular da ilha” (2023). E ressalta sobre essa memória feita nas toadas que “quando você está homenageando alguém, você está registrando a passagem, a contribuição, na história da nossa ilha, na história da nossa comunidade.” (2023). Ronaldo Barbosa Júnior, quando comenta sobre dona Nêga, faz alusão a muitas outras mulheres que existiram e que ainda existem exercendo esse mesmo trabalho. “[...] A questão da dona Nega Parteira, o bacana é que ela faz um link direto de memórias com muitas outras ‘Nêgas Parteiros’ espalhadas pela Amazônia.” (2023). Dona Nêga também é citada pelos compositores Inaldo Medeiros e Tony Medeiros na toada “Magia da Toada” (Garantido, 1998), na qual, além de dona Nêga Parteira, é mencionado outro grande nome da cultura Parintinense e região, muito presente na história e no imaginário: seu Valdir Viana.

Nesse universo da saberia popular, Valdir Viana é aclamado como conta Fred Góes, um santo da cultura popular, e relata sua experiência com o mesmo

Valdir Viana, um gigante dessa história dos curadores populares de Parintins. Ele é o grande ícone desses curadores. Tinha outros curadores, meu avô mesmo foi curador. [...] O seu Valdir, eu conheci, convivi com ele, era de uma alegria fantástica, que conhecia o corpo humano como ninguém. Tinha livros, lia muito. E claro, tinha o dom curar. [...] Eu mesmo tive um problema de colona, que travou a coluna, não conseguia me mexer. [...] Tem gente que fala isso, e a gente deve falar mesmo: o seu Valdir era um santo, na expressão da palavra. [...] E essas pessoas quando estão registradas nas toadas, elas estão eternizadas. Como a própria toada do Chico 'É abençoada a mão que cura', e o Chico, pra variar, é de uma precisão fantástica, é uma toada lindíssima que homenageia um santo da cultura popular.

Deixando um legado de um homem que, casando o conhecimento das ciências eruditas com a sabedoria popular adquirida, levou cura a muitos enfermos.

Valentin (1999) destaca que

os feitos extraordinários, as curas milagrosas, a sabedoria para encontrar as essências da vida no cipoal da maior diversidade biológica da Terra, foram esculpindo o mito do velho Waldir Viana no imaginário dos moradores de Parintins. Daí, a fama desceu os rios e começou a se espalhar pela vastidão do Amazonas, alcançou o Brasil e chegou as mais distantes regiões do planeta, de onde acorrem peregrinos desenganados, na fé de obter a recuperação da saúde pelas suas mãos mágicas (p. 79/81)

É impensável falar em Valdir Viana e não lembrar da toada “Missionário da Luz” (Caprichoso, 1991), homenagem do grande poeta Chico da Silva. Como conta Valentin (1999) “O sábio das mãos abençoadas parece escutar, agradecido, a prece que o poeta Chico da Silva, fez em homenagem ao ‘anjo amigo’ nos versos de uma das mais belas toadas do Boi Caprichoso” (p. 83). A toada é lembrada por todos os entrevistados quando o assunto é falar sobre Valdir Viana. Como por exemplo Fred Góes, citado anteriormente, e Ronaldo Barbosa Júnior que relata: “Essa toada, pra galera da minha época, já era uma música que cria na nossa cabeça essa atmosfera de lembrar dessa figura, de saber dessa figura tão mística que existia na nossa cidade.” (2023)

Nesses registros, também são encontradas menções aos compositores. Estes são lembrados porque são homenageados em alguma toada, ou porque produziram obras maravilhosas que embalam cada torcedor apaixonado. Assim nós temos: Braulino, Tadeu Garcia, Paulinho Dú Sagrado, Inaldo Medeiros, Tony Medeiros, Emerson Maia, Ronaldo Barbosa, José Carlos Portilho, Hélio Omar Conceição, Raimundinho Dutra, Nelsinho Bulcão e assim a lista se estende com os nomes desses grandes homens que ajudaram a tornar a brincadeira cada vez mais

grandiosa, inserindo suas artes melódicas de acordo com seu tempo, apresentando características que se diferenciam em cada época. Realizando essas transições nas toadas e registrando momentos e pessoas.

Vale destacar que apesar deste trabalho não estar focado no processo de criação das toadas, é importante analisarmos a toada como fruto de épocas diferentes, em que cada compositor traz em suas obras, características que correspondem, principalmente, às suas vivências do dia-a-dia, das memórias que construiu com aqueles que, nas palavras de Fred Góes, “ocupam o panteão dos brincantes” de Caprichoso e Garantido.

Haja vista as descrições acima, se percebe a *importância de toadas que trazem em suas letras os nomes de homens e mulheres que ajudaram construir a história do boi-bumbá*. É através dessas toadas que se mantém essas pessoas vivas na memória da comunidade brincante dos bois. Ronaldo Barbosa Junior comenta que

O boi-bumbá é uma construção popular, como eu mesmo falei, feita por muitas mãos. [...] A importância é que, são tantas pessoas que passaram pelo boi, que fazem o boi, que constroem esse saber popular, que a gente tem sim que homenageá-las. [...] São pessoas importantes, é do alegorista, é do escultor, é do pintor, é do cara que muito lá atrás teve a ideia de fazer um boi de pano [...].

Desse modo, esse resgate de memórias através das toadas pode despertar curiosidades ou instigar às pesquisas mais profundas sobre quem foram essas pessoas, produzindo outros meios de salvaguarda dessas memórias para outros interessados no assunto, tomando como ponto de partida as toadas. É como comenta Caetano Medeiros

Eu acredito que é uma das melhores formas de eternizar esses nomes [...] Então, eu acho que, citando o nome dessas pessoas marcantes, históricas, [...] essas pessoas muito marcantes na história do boi, [...] é muito interessante até para as futuras gerações, que vão ouvir e vão buscar saber quem foram realmente essas pessoas, e a história de cada uma delas.

Marcou Moura também comenta sobre essas memórias presentes nas toadas, enfatizando que elas trazem em si

A importância de verdade, a importância de registro, a importância de manutenção do patrimônio, de uma memória verdadeira. É aquilo como falei, dependendo do compositor ou da compositora, ela pode estar trazendo uma história distante da verdade ou próximo dela. E a gente tem que fazer um exercício de se aproximar.

Fred Góes também comenta sobre essa importância que as toadas trazem do registro dessas memórias e ressalta que para isso “nada melhor que os compositores fazerem esse registro”. Na oportunidade aproveita para citar o poeta e compositor Emerson Maia, comentando uma de suas toadas que fizeram sucesso:

nós temos aquela uma ‘Sentei junto ao pé da roseira’, que é aquela da memória mesmo, da memória profunda, de quem viu o boi quando criança. Então, da minha mesma, ‘Eu brinco boi, como brinca uma criança’, porque isso é fruto da memória profunda, do que a gente aprendeu lá atrás. [...] Então esse registro, é o registro da sensibilidade humana, que está em cada um de nós compositores.

Para além das toadas, é necessário abrir caminhos para outros trabalhos que possam também ajudar a salvaguardar essas memórias como: livros, arquivos audiovisuais, fotografias, artes plásticas, podendo ser encontradas, e disponíveis ao público, em espaços de memórias voltados a preservar essa história dos bois de Parintins. Pensar em espaços públicos de memória, uma vez que essas memórias são patrimônios públicos, é refletir sobre como elas estão sendo valorizados dentro e fora dos bois-bumbás de Parintins. As toadas, como fora apresentado anteriormente, possibilitou que essas memórias dos bois chegassem até atualmente, mas é necessário também partir para outros trabalhos. Desse modo, Ronaldo Barbosa destaca três pontos importantes:

[...] a primeira questão aí, que a gente observa é que elas estão sendo tratadas através da poesia e da música, já é uma maneira de mantê-las vivas na memória. A segunda é que o Caprichoso tem uma sala, que é um memorial onde tem todo histórico, toda história, toda a questão da ligação familiar desses personagens com o Boi-Bumbá Caprichoso. E o terceiro, que eu também acho importante, que quem vai ver o curral do Boi Caprichoso vai ver as figuras, as estatuas de Xibelão, de Roque Cid, Pamim, Zé Caia, Arlindo Júnior, e futuramente vai ter a minha também. Então isso são maneiras também de retratar. Ainda faltam muitos, ainda falta Horácio, Hélio Omar, Portilho, ... ainda falta muito a fazer, mas é importante que essas memórias sejam realmente avivadas através desses vários conteúdos que o Caprichoso tenta conduzir para que essas figuras não possam deixar de existir na memória do torcedor (2023).

Marcos Moura também comenta a respeito desse trabalho realizado no Boi Caprichoso, e salienta o contraste existente entre os Bois:

O boi contrário tá num momento de um papel importante, tá jogando lá com a criação de um centro de memória. Ele tá fazendo um trabalho de registro, de maneira profissional, técnica, acadêmica, e isso é importantíssimo. Mas do outro lado não tem isso, no Garantido não tem isso. Então isso aqui, na verdade, tem que virar uma política pública [...]. Então a toada tem que ser muito bem amparada por políticas públicas de formação das pessoas. Inclusive, lançando mão de toada para essa formação (2023).

Fred Góes também comenta que essa valorização “nos bois mesmo, estão sendo tratadas muito superficialmente” (2023). Mas se obriga também a falar sobre o Centro de Documentação e Memória – CEDEM Caprichoso e o “O Livro da Toada: uma antologia Caprichoso”, trabalhos desenvolvidos por Diego Omar, no qual diz que “são trabalhos simples, mas que ninguém se interessou em fazer, mas aí chegou o Diego que foi lá, e fez. No Garantido nós não temos, porque ninguém se interessa também, mas é um trabalho que desejo fazer quando estiver lá de novo” (2023). O Centro de Documentação e Memória – CEDEM Caprichoso, assim como “O Livro da Toada: uma antologia Caprichoso”, buscam realizar esse trabalho de recuperação de

parte dessa história do Boi, reunindo todo tipo de arquivos relacionados a brincadeira e ao festival, principalmente em relação ao Boi Caprichoso. É oportuno também mencionar o projeto Sons de Parintins (2021), no qual busca apresentar a história da toada, suas transformações até chegar aos dias atuais, e a forte presença e permanência na cultura regional. Os trabalhos citados se fazem essenciais, pois auxiliam nesse resgate de memórias. Assim, dona Maria do Carmo fala sobre esse afastamento e gradual esquecimento dessas memórias no Garantido:

[...] eu acho que eles ficaram esquecidos. Só mesmo nas entrevistas que eu faço é que eles são lembrados, mas o povo esqueceu. Depois que foi criada essa associação, eles desprezaram muito a gente. O que eu quero te dizer é que eu chorei muito, quando eu não ouvi mais falar no meu pai nesse Bumbódromo. [...] E todo mundo que chega eu falo ‘nós fomos rejeitados pela diretoria do Garantido’.

Acentua-se, então, a necessidade da realização de projetos e incentivo (tanto do poder público quanto da comunidade) aos já existentes, que buscam essa recuperação e manutenção das memórias de homens e mulheres que ergueram essa brincadeira. Trabalho este de recuperação que vem sendo realizado, ainda, apenas pelas toadas.

Preservar o registro dessas memórias é registrar a vida de uma comunidade. Todas as pessoas mencionadas aqui, não são isoladas, pois compartilham de uma vivência comunitária, por isso da necessidade de serem lembradas. Marcos Moura ressalta:

[...] a gente tem que valorizar essas pessoas que, em outros espaços, jamais teriam posição de destaque senão na cultura popular, que são os pobres das comunidades, mas são os que batucam melhor, são os que festejam melhor, os que criam melhor, eles que são os melhores artesãos, os melhores brincantes, os mais apaixonados por essa cultura. Aliás, se essa cultura chegou atravessando século, foi por causa dessa gente, não por causa de uma elite de uma determinada ou de outra cidade.” (2023)

Através das toadas essas memórias são registradas, e a realização de trabalhos que visem guardar esse patrimônio, é de suma importância, uma vez que, como apresentado nesta pesquisa que uma entre tantas atribuições das toadas, é sua indispensável contribuição na recuperação e manutenção das memórias dos bois-bumbás de Parintins.

Considerações finais

Portanto, a presente pesquisa, através da análise das toadas, pesquisas bibliográficas e entrevistas, se prestou em apresentar as toadas como ferramenta indispensável no trabalho de recuperação e manutenção das memórias do bois-bumbás de Parintins, uma vez que, são através das toadas que essas memórias do folguedo são registradas e eternizadas. A partir do desenvolvimento deste trabalho, foi constatado que a toada exerce, quase que exclusivamente, a função

social de resguardar as memórias dos bumbás de Parintins, uma vez que, como fora apresentado, são elas que registram momentos, lugares e pessoas. Conhecer a brincadeira do boi-bumbá, suas histórias, é de fundamental importância para que possamos entender todos os elementos que compõe essa magnífica festa. Entre esses elementos, a toada que, como fora apresentado, passou por adaptações ao longo do tempo, para atender as necessidades e exigências de cada época. Este trabalho buscou propor um olhar diferenciado para este elemento, que é o fio condutor de toda a festa, pois sua função não está apenas em proporcionar um momento de êxtase aos amantes do folguedo, mas também de apresentar, denunciar, fazer pensar e, como visto, recuperar e manter viva a memória dos bois-bumbás de Parintins. Sendo a toada um produto histórico, social, cultural e de identidade local, sempre estará ligada ao seu ambiente. Suas letras não se resumem em uma mera descrição, mas em um ato de resistência pela memória daqueles que construíram essa belíssima brincadeira, frente as mudanças que correm constantemente.

Para além das toadas, é necessário ressaltar que o trabalho de recuperação e manutenção também não deve ser exercido apenas pela canção, mas por outros meios como artigos, livros, centros de memórias, entre outros. Pois, resgatar e manter essas memórias é um ato de nobreza, no qual não deixamos cair no esquecimento essas pessoas. São pessoas simples, mas que o tempo e a história os tornaram extraordinários, pois apesar das labutas diárias encontravam e faziam do boi-bumbá um momento único de brincadeira e descontração frente aos fardos do dia a dia. Além do mais, é importante também destacar que esta pesquisa não se tratou de um trabalho bibliográfico sobre esses brincantes pois, para isso, é necessário um trabalho mais profundo, mas propõe, para fins de maiores registros sobre esses brincantes, uma pesquisa bibliográfica sobre esses homens e mulheres que marcaram suas histórias na brincadeira dos Bois-Bumbás, Garantido e Caprichoso.

Referências

Após hiato de 2 anos, Festival de Parintins teve público recorde em 2022. Acrítica, 26 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.acritica.com/parintins/apos-hiato-de-2-anos-festival-de-parintins-teve-publico-recorde-em-2022-1.276978>. Acesso em: 22 de janeiro de 2023.

CARDOSO, Maria Celeste de Souza. **Cancioneiros das toadas do boi-bumbá de Parintins.** Manaus: UEA, 2013.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

Festival de Parintins 2019 bate recorde de visitantes, aponta Amazonastur. Acrítica 02 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.acritica.com/parintins/festival-de-parintins-2019-bate-recorde-de-visitantes-aponta-amazonastur-1.63306>. Acesso em: 29 de janeiro de 2023.

Festival de Parintins 2023: Turistas geraram mais de R\$ 146 milhões de receita. Em Tempo 08 de agosto de 2023. Disponível em: <https://emtempo.com.br/159555/economia/festival-de-parintins-2023-turistas-geraram-mais-de-r-146-milhoes-de-receita/>. Acesso em: 29 de agosto de 2023.

NAPOLITANO, Marcos. **História e música:** história cultural da música popular brasileira. 3.ed. belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RODRIGUES, Allan Soljenírsin Barreto. **BOI-BUMBÁ: EVOLUÇÃO** – Livro Reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins. Manaus: Editora Valer, 2006.

SILVEIRA, Diego Omar da; SENA, Roberto. **O livro da toada:** uma antologia Caprichoso. Manaus – AM: Editora UEA; Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

VALENTIN, Andreas. **Contrários:** a celebração da rivalidade dos bois-bumbás de Parintins. Manaus: Editora Valer, 2005.

VALENTIN, Andréas; CUNHA, Paulo José. **Caprichoso:** a Terra é azul. Rio de Janeiro: A. Valentin, 1999.

VALENTIN, Andréas; CUNHA, Paulo José. Vermelho: um pessoal Garantido. Manaus: A. Valentin, 1998.